

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO- CCAE
CAMPUS IV – LITORAL NORTE
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - DCS
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA**

GUILHERME MONTEIRO OLIVEIRA

**Habitar e viver: aspectos culturais de uma casa bioconstruída e de uma
Ecovila na região da Grande Goiânia.**

RIO TINTO – PB

2020

GUILHERME MONTEIRO OLIVEIRA

Habitar e viver: aspectos culturais de uma casa bioconstruída e de uma Ecovila na região da Grande Goiânia.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, em atendimento às exigências para obtenção do Grau de Bacharel em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Oswaldo
Giovannini Júnior

RIO TINTO

2020

O48h Oliveira, Guilherme Monteiro.

Habitar é viver: aspectos culturais de uma casa bioconstruída e de uma ecovila na região da grande Goiania/ Guilherme Monteiro Oliveira. - Rio Tinto, 2020.

31 f. : il.

Orientação: Osvaldo Giovannini Junior .
TCC (Graduação) - UFPB/Campus IV.

1. Etnobiografia. 2. Bioarquitetura. 3. Ecovila. I. Giovannini Junior, Osvaldo. II. Título.

UFPB /CCAE

/

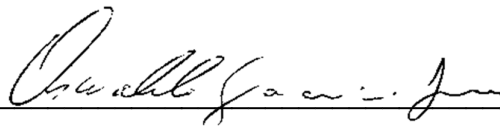
CDU 504.75

GUILHERME MONTEIRO OLIVEIRA

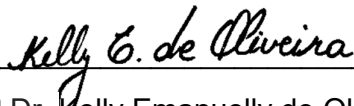
Habitar e viver: aspectos culturais de uma casa bioconstruída e de uma Ecovila na região da Grande Goiânia.

Trabalho de conclusão de curso julgado e aprovado em 13/04/2020.

Comissão Examinadora



Prof. Dr. Oswaldo Giovannini Júnior
Orientador



Prof.ª Dr. Kelly Emanuely de Oliveira
Examinador



Me. José Muniz Falcão Neto
Examinador

RIO TINTO – PB

2020

Habitar e viver: aspectos culturais de uma casa bioconstruída e de uma Ecovila na região da Grande Goiânia.

Guilherme Monteiro Oliveira (UFPB)
guimonteirosalema@gmail.com

Resumo

As diversas crises ocorridas no Brasil e no mundo nas últimas décadas imprimiram diversos questionamentos quanto as nossas ações e o impacto que elas têm sobre o meio ambiente. O artigo se propõe a analisar como o fenômeno global da Permacultura e da bioarquitetura estão relacionados com essa crítica emergente dos padrões de construção da casa e da forma de habitar. Com a etnografia, mais especificamente a etnobiografia, pude, em minha pesquisa, aproximar de personagens e obter dados reflexivos e subjetivos a fim de compreender o contexto em que estão inseridas e perceber como suas formas de habitar e viver estão relacionadas com suas histórias de vida. A casa, mais do que um espaço para se proteger das intempéries do tempo, é um espaço repleto de história, símbolos e significados e através da observação participante, da câmera na mão e de entrevistas semiestruturadas foi possível concluir que há uma dimensão cultural na casa bioconstruída e na ecovila, uma vez que o espaço habitado está diretamente relacionado com as visões de mundo de quem ali habita, além de comunicar os valores de seus moradores.

Palavras-chave: Etnobiografia. Bioarquitetura. Ecovila.

Abstract

The various crises that have occurred in Brazil and in the world in recent decades have led to several questions about our actions and the impact they have on the environment. The article aims to analyze how the global phenomenon of Permaculture and bioarchitecture are related to this emerging criticism of the construction patterns of the house and the way of living. With ethnography, more specifically ethnobiography, I was able, in my research, to approach characters and obtain reflective and subjective data in order to understand the

context in which they are inserted and to understand how their ways of indwelling and living are related to their life stories . The house, more than a space to protect itself from the weather, is a space full of history, symbols and meanings and through participant observation, camera in hand and semi-structured interviews, it was possible to conclude that there is a cultural dimension in the bioconstructed house and in the ecovillage, since the inhabited space is directly related to the worldviews of those who live there, in addition to communicating the values of its residents

Keywords: Ethnobiography. Bioarchitecture. Ecovillage.

1–Introdução: a permacultura como um fenômeno global

O termo permacultura foi criado na década de 70 do século passado por dois australianos: Bill Mollison e David Holmgren. A palavra “permacultura” quer dizer “cultura permanente”, no inglês *permanentculture*. A ideia da permacultura é criar uma cultura humana que possa permanecer, no sentido em que os ambientes ecológicos sejam habitados de forma sustentável e que haja harmonia com os demais seres vivos.

Suas ideias foram sistematizadas pela primeira vez em 1975 com a publicação do artigo “*A Permaculture System for Southern Australian Conditions-Part One*”, escrito por Bill Mollison e David Holmgren. Assim, seu aparecimento se deu através do meio acadêmico e ficou conhecida com uma entrevista concedida por Molisson para a rádio Terry Lane (GRAYSON, 2007)¹

Logo após a entrevista, algumas pessoas passaram a procurar Mollison, dentre elas, Max Lindegger, um dos pioneiros da permacultura na Austrália, o qual embarcou em um projeto que veio a ser a primeira ecovila baseada nos princípios da permacultura, a *Crystal Waters*. A permacultura foi, então, disseminada pelo mundo através de cursos e trocas de conhecimento. O primeiro PDC, *Permaculture Design Course*, foi ministrado por Mollison, em 1979, na Tasmânia, e teve a duração de três semanas.

¹ GRAYSON, Russ. A short and incomplete history of permaculture. Pacific-edge.of. Disponível em: <<https://pacific-edge.info/2007/07/a-short-and-incomplete-history-of-permaculture>>. Acesso em: 15 de jan. de 2020.

Em um PDC, que tem duração média de quinze dias, as pessoas aprendem todos os princípios gerais do sistema da permacultura e criam uma rede de relações e de troca de experiências. Isso possibilita que o aprendizado, teórico e prático, seja desdobrado e possibilite a criação de grupos de ativismos, comunidades ecológicas, amizades, contatos etc.

Eu fiz o meu primeiro PDC em Lucena, PB, na ONG Apoitchá². O curso teve a duração de 2 módulos compostos de 7 dias cada. Além de aprender sobre os princípios da permacultura e técnicas de como criar ambientes ecológicos em nossas casas, eu pude entrar em contato com diversas ideias revolucionárias, na medida em que, estabelecíamos críticas ao modelo consumista e capitalista em que vivemos e dialogamos sobre uma maneira prática de se viver os valores da coletividade e do respeito à natureza.

Isso me conduziu a querer aprender, cada vez mais, sobre técnicas da permacultura e casas construídas de forma ecológica. A minha concepção, então formada por uma lógica de que as casas deveriam ser feitas de concreto, tijolo e cimento, modificou-se, pois acabei me deparando com casas belas, criativas, coloridas e aconchegantes feitas de barro pelas mãos de quem as habita. E o que me impressionou foi que elas não se desmanchavam quando vinha a chuva.

Nas últimas décadas, a humanidade vem enfrentando crises das mais diversas formas e uma delas ocorre devido à crença na possibilidade de um crescimento econômico ilimitado, em que os recursos ambientais são explorados indistintamente, enquanto a natureza é vista como uma fonte de recursos para a maximização dos lucros.

A questão da utilização dos recursos naturais é um aspecto central dentro do contexto da permacultura, do ativismo ecológico e do movimento da vida alternativa. Para LÉNA e NASCIMENTO (2012) um dos aspectos da crise atual está relacionado

² A ONG Apoitchá, localizada no município de Lucena, litoral da Paraíba, promove um trabalho de formação, educação e compartilhamento de técnicas e saberes para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Além disso, a ONG oferece cursos de sustentabilidade para as famílias da região e é, ainda, espaço para cursos promovidos a partir de editais de incentivo à permacultura e sustentabilidade. Foi neste contexto que o PDC, de valor bastante reduzido devido à verba do FIC, foi realizado. A exigência máxima para participar do curso foi de se comprometer a colocar na prática o que foi aprendido no curso, no formato de grupos de ativismo, ecovilas, comunidades e coletivos que busquem causar um impacto positivo sobre a mudança de hábitos rumo à sustentabilidade.

“à gradativa escassez e extinção de recursos minerais e de espécies animais e vegetais usados como insumos na produção”.

Diante dessas questões e inquietações acerca do rumo que a humanidade está tomando e as mais variadas crises sociais, econômicas, políticas e ambientais, eu venho desde 2010 buscando aprender novas formas de habitar e atuar no mundo que sejam mais saudáveis e que tenham mais respeito com o meio ambiente.

As crises ambientais não são algo novo na história. Segundo Andrade e Sampaio (2016), devemos desmistificar a ideia de que as sociedades tradicionais tenham sempre vivido em completo equilíbrio com a natureza, pois há indícios de que, ao longo da história da humanidade, a má exploração dos recursos ambientais tenha levado várias culturas ao colapso e várias civilizações desapareceram.

Porém, é somente a partir dos anos 60 do século XX que a noção de uma crise global do meio ambiente, que ameaçaria toda a espécie humana, começa a ganhar força, provocando uma tomada de consciência dos limites da capacidade da natureza diante do progresso técnico e do crescimento econômico. Com isso, iniciaram-se as primeiras reações, manifestações e estudos a respeito do problema, constituindo-se como marcos dessa caminhada. (MATOS e SANTOS, 2018, p. 204-205)

Assim, a crítica ao modelo de vida regido pela competitividade, disputa e degradação do meio ambiente me levou a pensar em novas possibilidades de agir sobre o mundo e, por conseguinte, sobre outras formas de habitações, novas arquiteturas. As casas de bioconstrução carregam um forte poder de simbolização, pois comunicam para os outros, em maior ou menor grau, os valores pessoais e as visões de mundo de quem mora ali.

Percebe-se que, hoje em dia, existe maior preferência pelas habitações de alvenaria convencional, feitas com blocos cerâmicos e de concreto. E as casas de pau a pique e de barro são, muitas vezes, vistas como “coisa do passado” ou técnicas de arquitetura atrasadas associadas às camadas mais pobres, que, por não poderem comprar o concreto, utilizavam o que há de mais básico e disponível ali do lado mesmo: o barro.

Contudo, a decisão de construir a casa de barro na atualidade não é apenas motivada pelo seu valor reduzido, mas por um conjunto de fatores que envolve uma visão sobre ecologia, política e sustentabilidade e se relaciona com o fato da casa

ser construída pelas mãos de quem ali morará, juntamente com um coletivo de amigos que compartilham de ideias semelhantes.

Após construída, a casa ou o ambiente espacial de uma ecovila passam a simbolizar e comunicar ideias e valores e permitir o encontro com outras pessoas com visões de mundo semelhantes. É neste cenário que ocorreu meu encontro com Rogério Pafa e Saga, cujas ideias buscam ganhar corpo e expressão em ambientes ecologicamente construídos e, com isso, terem seus espaços como referências a serem vividas em tempos de crises.

2- Objetivos, problematização e referências teóricas

A habitação é uma necessidade básica humana. E além de servir para proteger das intempéries do mundo, ela apresenta um forte significado simbólico, uma vez que

a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela” (BACHELARD, 1978, p. 200)

Assim, sabendo que a casa e os espaços construídos para se habitar são algo construído culturalmente, o que leva as pessoas a quererem construir suas casas de forma sustentável? Quais os motivos e as visões de mundo que estão simbolicamente relacionados com a decisão de morar em um ambiente compartilhado com outras pessoas (no caso das comunidades) e construído sempre pensando no mínimo impacto sobre o meio ambiente? De que maneira a sociabilidade ocorre desde o processo de construção da casa até o desfrutar do ambiente já construído?

O antropólogo Clifford Geertz desenvolveu suas análises a partir da interpretação dos símbolos comunicados dentro da interação social. Ele desenvolveu dois termos, *ethos* e visão de mundo, os quais se relacionam promovendo padrões reconhecidos na sociedade que permitem compreender como ocorre o processo de comunicação de ideias e valores por meio de preferências e estilos de vida.

Na discussão antropológica recente, os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo “ethos”, enquanto os aspectos cognitivos, existenciais foram reunidos pelo termo “visão de mundo”. O ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade (GEERTZ, 1978, p 143-4)

O sociólogo Georg Simmel desenvolveu seus trabalhos em cima da ideia de que as interações entre os indivíduos são a base da sociedade e a sociabilidade é uma forma de associação específica, pois “seu caráter é determinado por qualidades pessoais tais como amabilidade, refinamento, cordialidade e muitas outras fontes de atração” (SIMMEL, 1983, p. 170)

A casa é muito mais que um local de proteção contra as intempéries do tempo, uma vez que é um ambiente de símbolos e de sentimentos de pertencimento e territorialidade. Portanto, a casa possui uma representação material e imaterial que se interagem na construção de um espaço habitado conforme os valores dos moradores.

A casa ou habitação, mais que um simples abrigo, é ela mesma uma construção cultural de uma sociedade que materializa a complexa interação entre normas, condições climáticas e potencialidades construtivas dos materiais. (BRUM e RUSSI, 2019, p. 694)

Desta forma, se olhássemos as casas apenas como um espaço para abrigar e proteger o homem, não seria possível explicar a materialização de diferentes tamanhos e formatos. O espaço construído e habitado assume, portanto, um papel fundamental na identidade do ser humano pela sua capacidade de comunicar valores nos modos de habitar (SEGAUD, 2016). Além do mais, a casa é o lugar onde as lembranças estão guardadas e é parte integrante da personalidade e identidade das pessoas que moram nela (BACHELARD, 1993).

Mesmo diante da predominância de uma forma moderna de se fazer uma casa, algumas pessoas optam por construir os seus lares, levando em consideração aspectos ecológicos e ideológicos em sua construção. Nas duas etnografias

abordadas no artigo, a casa ganha uma dimensão existencial por estar cronologicamente situada em um período de mudança de visões de mundo, que faz com que os dois personagens principais busquem construir os seus lares materializando sonhos e visões de mundo.

O espaço doméstico por ser um espaço de abrigo, acolhimento e intimidade é, em certa medida, uma forma de expressão do *ethos* de determinada cultura (BROMBERGER, 2012). Tanto os materiais utilizados em sua construção quanto o significado atribuído à casa são relevantes para se compreender a complexidade dos critérios selecionados e simbolizados na construção. Por que é tão importante construir utilizando outros materiais diferentes dos convencionais?

Para adentrarmos nessa questão, temos que entender em que contexto os dois espaços etnografados “Ecovila Vale do Eden” e “Casa dePafa” estão inseridos. Ambos os espaços se consideram um experimento ecológico dentro do circuito maior da Permacultura e da bioarquitetura³ em que os protagonistas buscam novas formas de viver no planeta, deslocando dos grandes centros urbanos para sítios rurais ao mesmo tempo que buscam técnicas e sociabilidades alternativas⁴.

A cidade grande é muitas vezes descrita como um ambiente onde as coisas acontecem em um tempo mais acelerado do que no campo. Simmel (1973) em seu ensaio *A metrópole e a vida mental* discute como o ser humano na metrópole vive uma tensão entre individual e supraindividual e ainda aborda o aumento constante de imagens consumidas e de um alto grau de proximidade física e distância emocional, a liberdade extrema e a solidão em meio à multidão, o crescimento das diferenças individuais e uma progressiva objetificação do indivíduo. De forma contrária, o campo é colocado como um ambiente de relacionamentos profundamente sentidos e emocionais, onde o próprio tempo dos acontecimentos permite mais interações e trocas de afeto⁵.

³ Segundo AMARO (2017), o termo bioarquitetura foi criado por Johan Van Lengen, autor do livro *Manual do arquiteto descalço*, que estruturou técnicas para construção de ambientes sustentáveis que levassem em conta o uso de materiais de baixo impacto ambiental, o clima, o tratamento de resíduos e o tipo de vida dos moradores.

⁴ O termo “sociabilidade alternativa” é aqui colocada como um tipo de sociabilidade e de socialização em que as pessoas envolvidas desenvolvem laços de solidariedade dentro de um ambiente coletivo. No entanto, o termo evoca também a atmosfera singular dos espaços da ecovila, onde as ações e os eventos ocorridos ali se diferenciam dos espaços e formas de socialização encontrados na cidade.

⁵ Apesar desta dicotomia analítica campo/cidade ser bastante simplória, ao rotular a cidade como espaço de relações de pouco afeto e o campo como um local onde as relações são vividas mais profundamente, ela é usada nesta parte do artigo pois é um discurso que está presente em quase todas as falas de quem habita a comunidade.

A decisão de deixar de morar nas grandes cidades para morar em zonas rurais também se relaciona com uma fase de profundas mudanças na vida dos protagonistas. Ingold (2002) afirma que “os seres humanos se produzem a si mesmos e uns aos outros num campo relacional, estabelecendo através de suas ações, as condições para seu crescimento e desenvolvimento”. Neste sentido, os caminhos percorridos pelos personagens, desenhando as suas histórias de vida, organizam os sentidos que eles atribuem à decisão de sair da cidade e morar no campo em casas ecologicamente construídas.

3- Metodologia da pesquisa

Mesmo antes de iniciar a pesquisa, eu estava ciente de que os locais pesquisados estariam de algum modo conectados com o contexto mais amplo de disseminação da permacultura pelo mundo e o seu potencial de promover mudanças na vida das pessoas que buscam vivenciá-las. Deste modo, a etnobiografia possibilitou unir a etnografia e a biografia e refletir como os processos culturais em que os personagens estão inseridos afetam a subjetividade deles.

A noção de etnobiográfico problematiza, por assim dizer, o etnográfico e o biográfico, as experiências individuais e as percepções culturais, refletindo sobre como é possível estruturar uma narrativa que dê conta desses dois aspectos na simultaneidade, ou seja, propõe, a um só momento, repensar a tensa relação entre subjetividade e objetividade, pessoa e cultura. (GONÇALVES, 2012)

Tanto com Rogério Pafa quanto com Saga, eu me abri, ao longo do contato, contando sobre o que eu estava pesquisando e eles foram receptivos ao estabelecer, inicialmente, um espaço para a troca de experiências. Nesse processo, contar quem eu era e o que pensava sobre o que eu estava pesquisando foi de fundamental importância para que eles se interessassem em me contar mais sobre a história de vida deles e as suas visões de mundo, relacionando com a criação da ecovila (Saga) e a casa bioconstruída (Rogério).

É no sentido de partilha que a biografia se encontra com a etnografia. A possibilidade de etnografar uma vida acentua a relação entre etnógrafo e nativo. Assim, o *etno* de *etnobiografia* é derivado da etnografia, de sua potência narrativa que implica a relação complexa e produtiva entre um *alter* e um *ego*. Deste modo, a autonarração de si através do encontro com um outro produz o que designamos por flexibilidade e experimentações nas identidades individuais e coletivas. Etnobiografia, portanto, é produto de um discurso autoral proferido por um sujeito num processo de reinvenção identitária mediada por uma relação. (GONÇALVES, 2012, p. 23-24)

Durante as entrevistas realizadas em campo com uma câmera Sony FullHDhandycam, eu busquei captar, por meio de filmagens, os discursos das personagens e perceber o processo criativo que a câmera despertava nelas, na medida em que sabiam que não somente suas palavras seriam registradas, como também seus gestos, expressões faciais e silêncios. Nesse sentido, registrar em imagens o discurso dos personagens e permitir que elas contassem suas histórias de vida diante da câmera possibilitou que elas entendessem melhor o meu trabalho. Elas esperavam que suas falas pudessem contribuir para a criação do vídeo de pesquisa que serviria, futuramente, para compartilhar os experimentos sociais desenvolvidos naqueles espaços.

O método da história oral foi de extrema importância para que eu pudesse conhecer a versão da história dos personagens e como ela se relaciona com a construção da casa. A história oral é uma ferramenta que permite se aproximar do interlocutor e escutar a sua versão sobre os fatos (DAVID, 2013).

Os dados para a pesquisa foram obtidos, portanto, através da observação participante e de entrevistas semiestruturadas. Durante o contato, eu busquei escutar a história de vida de Rogério e de Saga e pedi que eles relacionassem a construção de suas casas com as suas histórias pessoais. Este método permitiu que eles ficassem mais à vontade para contar o que eles achassem interessante expor.

A observação participante serve como uma fórmula para o contínuo vaivém entre o “interior” e o “exterior” dos acontecimentos: de um lado, captando o sentido de ocorrências e gestos específicos, através da empatia; de outro, dá um passo atrás, para situar esses significados em contextos mais amplos. Acontecimentos singulares, assim, adquirem uma significação mais profunda ou mais geral, regras estruturais, e assim por diante. (CLIFFORD, 1998, p.33)

4- Desenvolvendo a pesquisa em campo

O bioma do Cerrado, que está presente na região central do Brasil, vem sendo degradado a cada ano pela ocupação agropecuária, o que tem levado a uma enorme perda da biodiversidade, uma vez que 46% de sua área original já foi destruída e apenas 19,8% permanece intocado. (STRASSBURGet *al.*, 2017)

O Cerrado é de suma importância pois “abrange três das maiores bacias hidrográfica da América do Sul, contribuindo com 43% da água superficial do Brasil fora da Amazônia” (STRASSBURGet *al.* 2017, p. 1, tradução minha). A destruição acelerada do Cerrado tem preocupado e nos levado a pensar sobre, principalmente, a escassez de água caso o desenvolvimento econômico fale mais alto do que a preservação dos ecossistemas.

Diante das catástrofes ambientais e das estatísticas demonstrando o grau de destruição que o modelo capitalista tem manifestado sobre os ecossistemas terrestres, as pessoas têm questionado a relação homem/natureza e buscado alternativas para atuar no mundo de forma menos impactante sobre os recursos naturais. A permacultura, por conseguinte, olha para as bases sobre as quais o capitalismo se estrutura e percebe as falhas que ele comete ao colocar o ser humano desconectado da natureza, uma vez que ele é, em si mesmo, parte dela e as suas ações no mundo afetam direto e/ou indiretamente outros seres vivos. A permacultura, então, nasce de uma percepção de que os seres humanos devem assumir a responsabilidade pela destruição que estamos causando sobre o planeta e adotar uma postura mais ética e responsável ao lidar com os solos, a água, as florestas, a atmosfera e os ciclos de nutrientes (HOLMGREN, 2013).

Permacultura é o planejamento e a manutenção conscientes de ecossistemas agriculturalmente produtivos, que tenham a diversidade, estabilidade e resistência dos ecossistemas naturais. É a integração harmoniosa das pessoas e da paisagem, provendo alimento, abrigo, energia e outras necessidades, materiais ou não, de forma sustentável (MOLLISON, 1994,p.5).

A aplicabilidade dos princípios da permacultura, hoje em dia, é muito amplo, podendo ser vivenciada em uma horta urbana, onde se planta respeitando o conceito de plantas-amigas (plantas que quando plantadas juntas potencializam o

seu crescimento) e outros princípios da sustentabilidade, ou em uma criação de ecovilas ao redor do mundo e de bioconstruções.

Difícilmente encontraremos uma comunidade ecológica (Ecovila) cujos moradores não tenham ouvido falar ou pensado em aplicar as técnicas e os comportamentos da permacultura sobre o terreno e a vida coletiva na comunidade. Hoje, o conceito de sustentabilidade ecológica, em muitos momentos, cruza com a ética e as técnicas da permacultura.

4.1- Pesquisa na ecovila Vale do Éden

A pesquisa foi desenvolvida na ecovila Vale do Éden, na área rural da cidade de Aragoiânia-GO. A ecovila fica a 30 minutos de Goiânia, na GO-040, km 33. Por conta disso, o acesso à comunidade é fácil e rápido. Algumas das pessoas que habitam lá, trabalham e/ou estudam em Goiânia e executam o movimento pendular cotidianamente.

A ecovila foi idealizada pelo artista Saga e foi fundada em 2014 com o objetivo de criar um espaço onde as pessoas possam se relacionar de forma mais harmônica e desenvolver um ambiente de maior conexão e equilíbrio com a natureza.

Marcia, tia do Saga, está terminando de construir sua casa e pretende em breve se mudar definitivamente para a ecovila. No atual momento, a sua ida para a comunidade tem se limitado aos finais de semana, mas ela se demonstra esperançosa com a ideia de conviver com os outros familiares (sobrinho, irmãs, cunhado etc.) e com outras pessoas fora de seu círculo familiar.

Eu tenho sentido muita tristeza desde que meu filho foi morar em outro lugar. Eu não gosto de ficar sozinha, não gosto de silêncio. Aqui tem sempre alguém pra conversar. Tem sempre gente nova por aqui. Eu falei pro meu marido que quero morar mesmo aqui. (MARCIA, entrevista concedida a mim em 2019)

A comunidade Vale do Éden, portanto, não é apenas um espaço de experimentos ecológicos, mas um espaço para o bem-viver, o bem-relacionar, onde os moradores se sentem mais à vontade e seguros para ficarem com as portas de suas casas abertas, conversarem uns com os outros sem medo de serem assaltados, dentre outras questões que os fazem considerar o viver em comunidade, uma melhor forma de viver quando comparada com o cotidiano em Goiânia ou em outra cidade grande.

Ao analisar a relação entre cidade e campo, MAGNANI (1996) fala sobre a variedade dos modos de vida na cidade de São Paulo repleta de infinitas possibilidades de troca, mas também expõe que a metrópole

também alimenta representações que a identificam com o *ethos* do trabalho, com a formalidade e frieza das relações impessoais, o anonimato da vida cotidiana. A desigualdade social, a violência - desde a poluição sonora e visual, até a criminalidade, passando pelas conhecidas e gritantes contradições urbanas, são outros fatores presentes quando se avalia a qualidade de vida que oferece. (MAGNANI, 1996)

Algumas pessoas da comunidade já são idosas aposentadas que veem a Ecovila como um ambiente tranquilo, onde podem plantar o próprio alimento e desenvolver atividades coletivas, o que acaba por ser uma maneira de lidar com a solidão que alguns deles declararam sentir quando moravam na cidade. A comunidade é sempre colocada, pelos seus moradores, em oposição à cidade grande, uma vez que eles buscam agir coletivamente para a construção de um ambiente que esteja mais alinhado com os seus próprios ideais.

Desta forma, os indivíduos se desenvolvem neste ambiente de pessoas e natureza em um “campo relacional” (INGOLD, 2003), onde a socialidade é imanente e é onde desenvolve a existência humana,

é dentro do movimento da vida social, nos contextos de entrosamentos práticos dos seres humanos uns com os outros e com os seus ambientes não humanos que formas institucionais são geradas - inclusive aquelas formas que usam o nome de ‘sociedades’ (INGOLD, 2003, p. 127-128).

O ato de passar a plantar o próprio alimento, construir a própria casa e construir uma vida diferente da vida que se levava na “cidade grande” os permitem desenvolver novas habilidades através das experiências que o meio ambiente e as relações protagonizadas nele proporcionam. Estar em contato com a natureza e ser afetado diretamente por ela é um fator preponderante para entender as ações das pessoas que moram na comunidade e como elas passam a desenvolver novas técnicas corporais a partir disso.

Márcia comenta que não estava acostumada a cuidar de uma horta, cavar um buraco e habitar um espaço estendido para além dos perímetros de sua casa:

Eu nunca tinha precisado plantar, sabe? Era só comprar, cozinhar e comer [...] agora as crianças daqui, a gente ensina e elas com o tempo passam a gostar quando veem a cebolinha, ou o coentro que ela plantou crescer(MARCIA, entrevista concedida a mim em 2019).

Assim, as técnicas de plantio, de construção da casa, dentre outras, são passadas pelos mais velhos para os mais novos, sendo, portanto, “um ato tradicional eficaz [...] Não há técnica e tampouco transmissão se não há tradição” (MAUSS, 1974, p. 217). A transmissão das técnicas é fundamental para que as pessoas que nunca plantaram ou construíram aprendam as técnicas de plantio e consigam adaptar o próprio corpo para os novos domínios. Acostumar-se a ficar de cócoras durante o plantio é um exemplo de como o corpo deve se comportar nesta situação.

Neste sentido, podemos perceber que há uma (re)construção do corpo por meio da imitação. GOLDENBERG (2011) ao analisar o texto *As técnicas do corpo* de Marcel Mauss (1969), expõe que o

conjunto de hábitos, costumes, crenças e tradições que caracterizam uma cultura também se refere ao corpo. Assim, há uma construção cultural do corpo, com uma valorização de certos atributos e comportamentos em detrimento de outros, fazendo com que haja um corpo típico para cada sociedade. Esse corpo, que pode variar de acordo com o contexto histórico e cultural, é adquirido pelos membros da sociedade por meio da “imitação prestigiosa”. Os indivíduos imitam atos, comportamentos e corpos que obtiveram êxito e que têm prestígio em sua cultura. É importante destacar que este processo de imitação não é, necessariamente, um ato

consciente dos membros de cada cultura (GOLDENBERG, 2011, p. 545).

A ecovila Vale do Éden retoma em seu nome a ideia do paraíso bíblico cristão onde o ser humano primordial vivia em consonância com a natureza. Saga se diz cristão e comenta que aprendeu lendo a bíblia sobre uma sociedade onde as pessoas viviam com as coisas em comum, onde as pessoas não passavam necessidades e que estavam sempre juntas e, na bíblia, falava que isso era o cristianismo. Por conta disso, já estressado com a vida que levava nos grandes centros urbanos e disposto a viver a ideia exposta na bíblia, Saga, como ele mesmo afirma, passou a sonhar a partir da ideia utópica do Vale do Éden bíblico.

A bandeira (ver imagem abaixo) da comunidade expõe o lema de “Um só povo, uma só nação”, e faz alusão à unificação da humanidade a partir do reconhecimento de um “outro” como parte de um “nós”. O ideal da comunidade é tentar construir um lugar onde ninguém passe fome, onde as pessoas sejam mais sadias e tenham mais liberdade do que na cidade grande.

“No sistema que a cidade criou, você não tem a liberdade de cuidar da praça, você não tem aquela liberdade de estar ali na rua sentado conversando com seu vizinho né? E aqui não, a gente tenta resgatar essa ideia [...] E essa necessidade é um pouco utópica, eu não sei se vou alcançar isso. Mas eu estou mirando nesse alvo.” (Saga, entrevista concedida a mim em 2019)



Essa é a imagem da bandeira que simboliza os valores da comunidade. A imagem foi desenhada por uma voluntária que passou pela comunidade enquanto Saga ia ditando os símbolos que a logo deveria conter. Segundo ele, a árvore

simboliza a vida e o livro, o conhecimento e a sabedoria. O sol e a lua representam dia e noite em vida e o Cruzeiro do Sul, no topo da árvore, a constelação principal.

O ideal comum a todos os discursos dos moradores da comunidade transita entre o viver em harmonia e em paz com a natureza e a possibilidade de se relacionar de forma mais íntima e fraterna entre eles. Recentemente um casal veio de Brumadinho, uma semana após a catástrofe da Barragem. O casal pesquisou na internet uma ecovila na região de Goiás e acabou encontrando o Vale do Éden. Ao entrar em contato com Saga, eles decidiram imediatamente virem conhecer o espaço. Chegando na comunidade, eles amaram e já se instalaram numa casinha pequena de três cômodos, a qual é disponibilizada àqueles que já querem permanecer na comunidade enquanto constroem as suas próprias casas.

Os terrenos na comunidade não são comercializados. Assim, para poder construir sua casa lá, você precisa primeiramente se alinhar com os princípios da comunidade e saber que as casas após construídas não podem ser vendidas. A comunidade cede o terreno e ajuda a pessoa a construir a sua casa por meio de mutirões, onde anúncios são divulgados, principalmente, no grupo do Vale do Éden no aplicativo Whatsapp.

O espaço das primeiras casas, tais como a casa de Saga e a casa de Nelson, tem seus espaços grandes, no entanto, as casas mais recentes foram construídas em proporções menores, pois, segundo Márcia e Saga, a casa é um local mais para dormir do que para passar o dia inteiro nela. Por conta disso, os próximos projetos do Vale são construir mais espaços coletivos como pracinhas, um coreto, academia, sala de jogos. Recentemente, foi construído um cinema para que ocorra sessões de filmes e, a partir da exibição, debates possam surgir para que temáticas como sustentabilidade e meio ambiente sejam discutidas.

Podemos perceber esses espaços como sendo, até certo ponto, espaços públicos, pois,

Trata-se, portanto, essencialmente de uma área onde se processa a mistura social. Diferentes segmentos, com diferentes expectativas e interesses, nutrem-se da co-presença, ultrapassando suas diversidades concretas e transcendendo o particularismo, em uma prática recorrente da civilidade e do diálogo (GOMES, 2002, p. 163).

No entanto, no caso da ecovila, esses espaços podem ser melhor entendidos como espaços coletivos ao invés de espaços públicos, como forma de transmitir a ideia de que o espaço é possuído por quem ali habita, dentro daquela coletividade específica. Apesar de em certos momentos o urbano ser visto como sinônimo de algo caótico e violento, a ecovila não parece negar os ambientes de sociabilidade próprios do meio urbano, tais como: cinema, praças, academia etc. Ao mesmo tempo em que o urbano é criticado, dele também é extraído ideias para a construção de uma sociedade sob os moldes que os habitantes da Ecovila desejam. O aspecto coletivo dos espaços permite que os moradores os ocupem com maior sentimento de pertencimento.

Na cidade grande, o barulho e a multiplicidade de eventos podem ocorrer incessantemente, já no Vale, a não circulação de ideias, oficinas, eventos e cursos pode conduzir os seus moradores ao tédio e à sensação de isolamento. Saga comentou que é de suma importância os eventos como o que ocorreu em agosto de 2019, “FACE- Festival Alternativo de Cultura Ecológica- 2ª edição”, quando pessoas de diferentes localidades vieram e ficaram três dias, fazendo trilhas pela região, ministrando cursos de tijolos ecológicos, oficinas de teatro e expressão corporal, fabricação de mandalas com novelo de lã e tomando banho no rio que passa ao redor da propriedade. Novos laços são firmados e os antigos são fortalecidos. Assim, o contato com as pessoas de fora da comunidade é fundamental para o seu pleno funcionamento.

4.2- A reciclagem de materiais no processo de construção

Saga menciona que inicialmente as casas seriam feitas de adobe sob os princípios da bioconstrução, porém o terreno da ecovila é muito pedregoso, o que torna inviável a retirada do barro e comprar a matéria prima base descaracterizaria os princípios da permacultura que pregam que o recurso deve ser proveniente do próprio local. Desta forma, ele afirma que a permacultura ocorre na medida do praticável.

As casas são, portanto, construídas com tijolos convencionais muitas vezes doados por terceiros ou comprados. Muitos outros materiais utilizados na construção são reciclados pelos moradores, os quais fazem pequenas modificações, por exemplo, em janelas velhas, mudando suas cores e até mesmo o design, deixando-as com uma aparência bem harmonizada com o restante da casa.



FOTO1: Saga ao lado de uma casa construída com tijolos doados de uma demolição de uma casa.
FONTE: Arquivo pessoal (2019)



Foto 2: Saga mostrando uma janela velha que foi reformada e adaptada para abrir para fora.
FONTE: Arquivo pessoal (2019)



Foto 3: Foto de janela que seria jogada no lixo, mas foi aproveitada mudando sua posição para a vertical, sendo que originalmente era posicionada na horizontal.
FONTE: Arquivo pessoal (2019)

Dentro da comunidade, há um espaço onde eles juntam diversos materiais doados pelas pessoas dos arredores: paletes, móveis usados, janelas dentre outros. Desta forma, Saga afirma que eles fazem não exatamente bioconstrução, uma vez que a bioconstrução requer manutenção com frequência e, além da terra não conter barro para a fabricação da casa, é inviável para a maioria dos idosos que habitam a comunidade. Por isso, ele prefere dizer que buscam praticar a permacultura, no sentido em que seria um sistema mais amplo que leva em consideração a reciclagem dos materiais.

É interessante notar que a bioconstrução é um dos componentes da permacultura. A permacultura é um conceito amplo de design dos espaços humanos que se atenta tanto para a construção das casas de forma ecológica, quanto para a reutilização de materiais. Saga diz “tero pé atrás” com os defensores da bioconstrução, chamando-os de radicais por criticarem as casas da ecovila, não reconhecendo a ponderação dos criadores da permacultura que já diziam que a permacultura deve ser feita na medida do praticável, buscando sempre minimizar a degradação dos recursos ambientais. Ao reutilizar materiais que já eram considerados lixo, Saga afirma que está ajudando o planeta, uma vez que ajudou a diminuir a produção de lixo e o desperdício de materiais, serviço e energia humana.

“Quando a gente joga fora o que pode ser reutilizado, a gente não está apenas jogando matéria física, a gente tá jogando também a energia humana para a produção daquilo e consumindo mais energia humana ao comprar uma coisa nova. Mas somos levados pelo sistema pra sempre optar por algo novo e, assim que essa coisa nova parece ficar velha, a gente descarta e arruma mais uma outra coisa. É muito lixo gerado. E isso não dá pra durar muito tempo, os recursos do planeta são limitados.” (Saga, entrevista concedida a mim em 2019)



Foto 4: Todo material doado e achado nos arredores da cidade de Aragoiânia é acumulado neste local da comunidade.

FONTE: Arquivo pessoal (2019)

Assim, quando alguém está construindo na comunidade, esse espaço de materiais recicláveis é visitado constantemente em busca de algum material que, combinado com outros, formem um resultado desejado que seja bonito visualmente e prático de ser modificado e misturado com outros.

4.3- Um experimento social: Bioconstrução do Rogério Pafa

Rogério Pafa, após fazer um curso no IPEC em 2008, percebeu que é possível fazer a própria casa. IPEC (Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado) é uma organização não governamental que se localiza na cidade de

Pirenópolis-GO e é bem conhecido por ministrar cursos na área da bioconstrução e da sustentabilidade.

O curso que Rogério fez foi o Bioconstruindo-2008 e teve duração de uma semana. Apesar de já naquela época ele ter a vontade de construir a própria casa, ele disse que “A vida na cidade vai puxando a gente, puxando, puxando...”. Os afazeres diários e as obrigações não o permitiam realizar esse sonho. Porém, em 2012, juntamente com alguns amigos e com os filhos dele, ele dá início à construção no terreno que já era seu.

Inicialmente, o plano era fazer um lugar quadrado 4x4, usando a técnica do hiper ou super adobe, porém ele achou muito caro comprar as bobinas para fazer. As bobinas são os sacos de polietileno de alta densidade utilizado para colocar o composto de areia, argila e fibras. Daí, ele testou fazer com aqueles sacos amarelos que vende laranja na rua que, apesar de ter certa elasticidade, acabou dando muito certo. Por conta da elasticidade, a casa ia ganhando diferentes formatos, à medida que se construía.

Neste caso, pode-se notar a relevância do processo criativo na bioconstrução. Ele cita que nunca havia visto alguém construir com aquele tipo de saco e que o seu experimento acabou dando certo. Assim, a casa ecológica deixa de ser um “objeto” e passa a ser uma “coisa” (INGOLD, 2012), na medida em que os fluxos de materiais se combinam de modo criativo e o processo de construção ocorre de forma experimental, onde as pessoas envolvidas no processo, ao mesmo tempo em que desenvolvem as técnicas, também partilham o que já sabem.

Para Ingold, o nosso foco enquanto pesquisador deve, portanto, ficar menos na materialidade e mais nos processos em que as coisas são continuamente formadas. Ele propõe uma ontologia materialista do devir, ou seja, para o autor as coisas são vivas e devem ser vistas como “uma malha de linhas entrelaçadas de crescimento e movimento” (INGOLD, 2012, p.27). Ele descarta a ideia de que as coisas se conectam ou que estabeleçam relações entre uma coisa e outra e, assim, desenvolve a ideia de que os caminhos ou trajetórias “são linhas ao longo das quais as coisas são continuamente formadas”. Nesse sentido, o processo criativo é um ponto a ser valorizado na narrativa das coisas, uma vez que os “processos

formativos” ocorrem “para frente” e não “para trás” como a execução de algo já estruturado na mente do agente. (INGOLD, 2012)

Em certo momento, quando Rogério começou a contar sobre a construção da casa, ele disse “A construção da casa foi um projeto sem projeto”. Se comumente, contrata-se um arquiteto para desenhar a planta inicial da casa com todos os materiais já determinados e as suas respectivas localizações, na casa bioconstruída se dá por meio da experimentação e o fluxo de materiais ocorre, muitas vezes, por erros, acertos e correções.

A casa de Pafa foi construída com a ajuda de amigos e com pessoas que ele nem conhecia. Na época ele postou no *Facebook* um evento chamado “Vivência de bioconstrução” e algumas pessoas apareceram para ajudá-lo. Neste processo, técnicas foram compartilhadas e amizades, construídas. Ele ressalta que a experiência de construir a própria casa mudou sua vida, primeiro por conta das amizades que foram estabelecidas e, segundo, pela autonomia que é poder construir a sua própria casa. Ele aponta que a gente acaba passando a vida inteira pagando a própria casa, enquanto é bem possível construí-la.

“A gente se sente bem, se sente seguro, a gente se sente útil, a gente se sente forte e a gente percebe que está em um sistema que eles querem que a gente trabalhe para manter todo aquele status quo.” (PAFA, entrevista concedida a mim em 2019)

Em determinado momento de nossa conversa, Pafa questiona: “quando foi que paramos de construir com o que a própria natureza dá?”. Pouco depois, faz uma reflexão: “A mulher parou de acreditar que é capaz de parir, as pessoas pararam de acreditar que é possível produzir o próprio alimento livre de agrotóxico e construir a própria casa de forma ecológica é visto como uma loucura”. Rogério, então, comentou os julgamentos que ele sofreu dos seus familiares dizendo que construir a casa que ele queria era uma loucura e um atraso. “Eles disseram que pra construir uma casa tinha que ter pedreiro ou algum profissional [...]”. E construir com a ajuda de outras pessoas que não fossem profissionais da engenharia civil ou arquiteto seria algo despropositado.

As casas bioconstruídas rompem com diversas lógicas e paradigmas da modernidade, uma vez que, desconstrói a ideia de que construir uma casa é algo

difícil, ou praticamente impossível, e devolve o poder de construir criativamente seu espaço com um valor financeiro bastante reduzido. Além do mais, a casa não fica sendo, portanto, apenas um abrigo das intempéries do tempo, mas um espaço de símbolos e de sentimentos de pertencimento e territorialidade. MarrionSegaud (2016) afirma que a casa, por ser nosso primeiro lugar, assume um papel fundamental na identidade do ser humano.

A casa construída com as próprias mãos dos que ali morarão e as dos amigos que se dispuseram a ajudar carrega símbolos de força, conquista, pertencimento e amizade. Porém, a atenção na bioconstrução não recai somente sobre o produto final, mas nos processos que são desencadeados sequencialmente possibilitando atingir uma forma que até pode ser previamente pensada, mas no decorrer dos processos e dos fluxos dos materiais, a casa vai ganhando novas formas. Além disso, as pessoas envolvidas nesse processo, muitas vezes, não são as que habitarão a casa, mas acabam influenciando a construção desta, com os seus gostos pessoais e insights momentâneos de como improvisar diante das situações que surgem.

Construir a própria casa, para o Pafa, passa, então, a ser sinônimo de autonomia e independência, uma vez que o sistema de financiamento da casa própria mais comum hoje no Brasil é o da Caixa Econômica, em que o alto valor acaba “escravizando” as pessoas a pagarem um considerável valor por um longo período. Em 2011, ele se viu pagando um apartamento financiado pela Caixa e estava infeliz por se sentir preso no espaço de 70m². A partir dessa sensação de angústia e infelicidade, ele cria coragem e começa a bioconstruir. “Eu queria mostrar pra mim mesmo que eu conseguia fazer a coisas, uma questão bem existencial mesmo” (Pafa, 2019).

Assim como na ecovila Vale do Éden, Rogério também reutilizou diversos materiais encontrados na rua ou doados por outras pessoas. Ao mostrar o seu banheiro, ele vai mencionando a proveniência dos diversos materiais e contando como que estes materiais já tiveram serventia num estúdio antigo dele e agora está compondo uma nova arquitetura. Esse fluxo de materiais é parte fundamental para construir de forma ecológica, pois, além de estar evitando o consumo de algo novo, está também economizando dinheiro e reduzindo os custos com a construção. Durante o processo, materiais são constantemente misturados e Rogério menciona

que “o concreto funciona muito bem com o barro, que funciona muito bem com a madeira”.

Pafa frisa que o barro, matéria prima principal na construção da casa, foi obtido através de um processo que fez jus a um dos fundamentos da permacultura. Ele queria construir uma represa em sua terra e, com a retirada da terra da represa, ele pôde utilizá-la para construir a casa. Ou seja, com uma ação ele obteve mais de um resultado. O barro é um material bastante característico nas bioconstruções por ser fácil a sua obtenção quando o terreno não é pedregoso, pela sua maleabilidade na hora de criar formatos de paredes e janelas e “em termos térmicos, a casa é perfeita. Quando tá frio [o clima fora da casa] ela tá quentinha. E quando tá quente, ela tá fresquinha. A casa funciona como um grande filtro de barro.” (Idem)

A tinta utilizada para dar o acabamento nas paredes foi feita com terra, cola, água e alguns pigmentos naturais, tais como urucum e cúrcuma (açafraão). É interessante notar que a parede pintada com a cúrcuma ganha uma tonalidade mais amarelada e tem também a função de repelir os insetos, assim como de dar um cheiro ao espaço. Pafa menciona as tecnologias utilizadas na construção da casa e dá ênfase sobre as técnicas improvisadas ao longo do processo criativo.

“A partir de uma necessidade, você tem um salto criativo e isso é o grande negócio da bioconstrução pra te fazer ter uma atitude para resolver uma determinada questão.” (Idem). Para resolver a questão da falta de energia quando ele mudou para a casa, ele não quis comprar os painéis de energia solar por serem muito caros, então, ele desenvolveu um sistema de energia 12V em toda a casa. Ele espalhou lâmpadas de LED no local e seu consumo é mínimo. Ele utiliza o telefone rural, o qual foi adaptado por ele para ser recarregado no 5v. Assim, ele conseguia clarear a casa a partir da bateria do carro ou da moto que ele utilizava para vir para casa. E em questão de segundos, através de um *plug* desenvolvido por ele, a energia se distribuía por toda a construção. Ele viveu, portanto, um ano e poucos meses sem energia elétrica da companhia ENEL (antiga CELG). A construção foi realizada sem energia elétrica e utilizou-se o mínimo de cimento para construí-la.

Eu consegui passar para os meus filhos e amigos dos meus filhos e, hoje, eles têm mais tranquilidade de saber que eles podem construir a própria

casa, que eles têm tecnologia para fazer e podem fazer até sem energia elétrica. E acho que isso dá uma calma. (Pafa, 2019)

O Rogério vê a sua casa como um experimento social, que ao longo da construção as pessoas envolvidas o chamaram de “Arquitetura emocional”, uma vez que não se utilizava muitas das ferramentas de medição tradicionais como o prumo, o qual averigua se as linhas da construção estão em ângulo reto. Ao contrário, as pessoas envolvidas no processo agiam de forma intuitiva e emocional, não se preocupando em demasia com a exatidão dos ângulos e das formas. “A gente não ficava medindo tudo certinho não. A gente ia construindo na intuição e observando constantemente o que estava sendo formado.”

Geralmente, as casas bioconstruídas seguem outras lógicas de arquitetura diferente da arquitetura moderna padrão, cujos ângulos majoritários formam 90°. Na bioconstrução é dada preferência por ambientes arredondados, uma vez que, o espaço é mais bem aproveitado e está mais em conformidade com os formatos encontrados na natureza, onde linhas retas quase não são vistas.

Assim, para “bioconstruir” é necessário estar em constante observação de como as coisas são formadas na natureza.

Já viu aqueles passarinhos que constroem suas casas nos mais diferentes formatos? Pode observar que eles levaram em consideração a trajetória do vento, a claridade do sol e outros fatores apenas estando conectados à natureza ao redor” (PAFA, 2019).

Praticar a bioconstrução seria, nesta lógica, reconhecer e se conectar com a parcela natureza que há em nós, como forma de se tornar perceptivo e agir quase que instintivamente como os outros animais o fazem sem ter uma mente intelectual.

5- Considerações finais

Neste artigo, procurei abordar a permacultura e a bioconstrução como aspectos importantes para desenvolver a prática de uma vida mais sustentável. Diante das diversas crises que vivemos nos últimos anos, cada vez mais pessoas tem procurado novas formas de viver que sejam menos impactantes sobre a

natureza. Além de ser uma postura ética em relação à natureza é também uma postura política se negar a viver e a consumir de acordo com os padrões predominantes na sociedade.

A decisão de querer construir sua própria casa com materiais ecológicos e a de viver em comunidade é quase sempre produto de intensa reflexão interna acerca do real sentido que atribuímos à vida e ao papel que desempenhamos enquanto espécie sobre os ecossistemas terrestres. O ser humano simboliza a todo momento e construir uma casa ecológica é algo simbólico e, por isso, busca comunicar algo.

O conceito de cultura que eu defendo, (...) é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 1989, p15)

A etnobiografia me permitiu estabelecer uma conexão com os personagens, de forma que eles viam o meu trabalho como uma forma alternativa de transmitir para o mundo o que eles buscam transmitir constantemente para as pessoas interessadas em aprender sobre a bioconstrução, a permacultura e os valores necessários para se viver com mais harmonia entre os seres humanos e a natureza. Quando Pafa diz que a sua casa é um experimento social, ele também quer dizer que a sua casa pode servir de exemplo para as outras pessoas que queiram construir de forma sustentável. Na concepção de Saga e de Pafa, a mudança de comportamento do ser humano é algo importante para que o próprio ser humano possa continuar existindo sobre o planeta.

A casa e o espaço habitado são básicos na vida do ser humano e, por isso, carrega um forte significado simbólico. Pude perceber que em ambos espaços etnografados, os personagens relacionavam, mesmo sem eu pedir, as suas casas com as suas histórias de vida. A casa está fortemente inserida nos processos ocorridos em suas vidas e compõe, portanto, seus valores e transmitem as visões de mundo de quem habita aquele espaço.

Apesar de em muitos momentos a cidade ser colocada como algo perigoso, ruim e caótico, muitos espaços de sociabilidade próprios do meio urbano são reproduzidos na comunidade Vale do Éden. Percebe-se, portanto, que há uma

necessidade de seus habitantes de trazer a cidade consigo, de socializar em espaços comuns à cidade, porém em um ambiente rural ou semiurbano.

O presente artigo abre caminhos para novas pesquisas, na medida em que os dois espaços levantam diversas questões sobre as sociabilidades desenvolvidas ali e o próprio processo de se construir uma comunidade com materiais recicláveis. Rogério Pafa está, no momento, chamando amigos para construir em sua terra, pois a presença do coletivo nesses espaços torna o habitar menos cansativo e laborioso, uma vez que, quanto mais pessoas, mais mãos para ajudar no trabalho braçal que toda casa ecológica e vida sustentável exigem.

Desta forma, os espaços habitados pelos personagens da pesquisa estão em constante mudança e tais mudanças passam a compor suas histórias de vida, afetando os seus valores e promovendo novos encontros e contatos com pessoas com visões de mundo semelhantes. Cada vez mais, diante das crises que estamos vivendo, as pessoas têm pensado em redefinir a forma de organização social, saindo das grandes aglomerações urbanas e se mudando para pequenos sítios, onde há um ritmo de vida menos agitado e com maior contato com a natureza. Essas redefinições dos formatos de onde e como habitar pode ser um bom material para que a antropologia entenda as mudanças que o ser humano está passando.

6- Referências bibliográficas

AGUIAR, João Valente; BASTOS, Nádia. **Uma reflexão teórica sobre as relações entre natureza e capitalismo**. Revista Katálysis, Florianópolis, v. 15, n.1, p. 84-94, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v15n1/a09v15n1.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

BACHELARD, Gaston. A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Trad. Joaquim José Moura Ramos (et al.). — São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1989.

BROMBERGER, Christian, 2012, "Habitation", em Pierre Bonte e Michel Izard (dirs.), **Dictionnaire de l'ethnologie et de l'anthropologie**. Paris, Quadrige/PUF, 317-320.

CLIFFORD, J. 1998[1983]. "*Sobre a Autoridade Etnográfica*" e "*Sobre a Alegoria Etnográfica*". In: A experiência Etnográfica. Antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro, UFRJ.

DAVID, Priscila. **História Oral: Metodologia do Diálogo**. São Paulo, Unesp, v. 9, n. 1, p. 157-170, janeiro-junho, 2013.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 304p.

HOLMGREN, David. **Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade**. / David Holmgren; tradução Luzia Araújo. – Porto Alegre: Via Sapiens, 2013. 416p.

GOLDENBERG, M. **Gênero, "o corpo" e "imitação prestigiosa" na cultura brasileira**. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 543-553, jul./set. 2011.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. São Paulo: Vozes, 2015.

LENGEN, J. V. **Manual do Arquiteto Descalço**. Rio de Janeiro: Tibá Livros, 2004.

MATOS, Silvia Maria Santos; SANTOS, Antônio Carlos dos. **Modernidade e crise ambiental: das incertezas dos riscos à responsabilidade ética**. Trans/Form/Ação, Marília, v. 41, n. 2, p. 197-216, June 2018.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU/Edusp, 1974. v. II..

MOLLISON, Bill; SLAY, Reny M. **Introdução à Permacultura**. Tradução: SOARES, André Luis Jaeger. 2. Ed. TagariPublication, 1994. 204 p.

RUSSI, Adriana; KARAM BRUM, Ceres. **Sob diferentes tetos: etnografando casas e revelando dimensões educativas e patrimoniais**. Etnográfica, Lisboa, v. 23, n. 3, p. 693-715, out. 2019.

SEGAUD, Marion. **Antropologia do espaço: habitar, fundar, distribuir, transformar**. Trad. Eric R. R. Heneault. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016

SIMMEL, Georg. 1973 [1903]. "A metrópole e a vida mental". In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Strassburg BBN, Brooks T, Feltran-Barbieri R, Iribarrem A, Crouzeilles R, Loyola R, Latawiec AE, Oliveira FJB, Scaramuzza CAD, Scarano FR, Soares B, Balmford A (2017) **Momentoftruth for the Cerrado hotspot**. *Nat EcolEvol* 1:3. Disponível em: <<https://doi.org/10.1038/s41559-017-0099>> acesso em 20 jan. 2020

Video: <https://drive.google.com/file/d/1qx4fSX416y8o0xoR-W0SejuUUktveVL2/view?ts=5e8e42a5>